|  |
| --- |
| **NOME DO ALUNO(A) :** |
| **TURMA:** |

PORTUGUÊS

Pobre é ladrão?

Ferreira Gullar

Logo após o fim de semana, quando a zona sul do Rio foi tomada pelos arrastões, assisti a um programa de televisão em que se debatia o assunto. De fato, foram dois dias – um sábado e um domingo – que deixaram as pessoas apavoradas, sem falar daquelas que sofreram diretamente a ação dos pivetes.

Eles agiram em grupos de dez, quinze assaltantes que, nas praias, tomavam dos banhistas celulares, bolsas, cordões de ouro, relógios, enfim, tudo o que pudessem levar.

Em meio a tanta gente, corriam e sumiam, sem que nem mesmo os policiais conseguissem pegá-los. Alguns foram presos, mas, como disse um delegado, logo seriam soltos para voltar a assaltar. É que são menores.

Pois bem, durante o debate, a opinião dos participantes era de que a razão dessa crescente ação dos pivetes está na maneira como agem as autoridades, usando apenas a repressão policial, quando o problema é social. Ou seja, de nada adianta reprimir a ação dos pivetes, uma vez que a causa está na desigualdade: esses assaltantes são jovens de classe baixa, filhos de famílias pobres, que muitas vezes não têm nem mesmo o que comer.

Isso, sem dúvida alguma, é verdade. Mas, partindo dessa constatação, o que fazer para evitar que eles continuem a assaltar? Na opinião dos debatedores, naquele programa, o governo deveria oferecer a esses jovens atendimento capaz de reintegrá-los à vida social. Noutras palavras, é a desigualdade social que os leva a roubar.

Vamos examinar essa tese. Quantos menores pobres existem na cidade do Rio de Janeiro? Não sei ao certo, mas acredito que cheguem a muitos milhares, a centenas de milhares. Se aqueles jovens assaltam por serem pobres, por que não há muitos milhares de assaltantes em vez de algumas dezenas? Os que agiram naquele fim de semana não chegavam a cem.

Diante disso, concluo que não é apenas por ser pobre que o cara se torna assaltante. Ou vamos admitir que basta ser pobre para ser bandido? Seria uma ignomínia contra os pobres que, pelo contrário, em sua absoluta maioria trabalham para ganhar o pão de cada dia. Na verdade, a maioria dos que pegam no pesado são os pobres. E o pessoal do Petrolão, rouba por quê? Por não ter o que comer certamente não é. Será por vocação?

Citei, certa vez, numa de minhas crônicas, o que disse uma senhora favelada: "Tenho cinco filhos, duas meninas e três meninos. Quatro deles estão estudando. Só um deles não quis estudar e virou assaltante". Vejam bem; todos eles foram criados na mesma casa, na mesma favela, pela mesma mãe, enfrentando as mesmas dificuldades. Por que só um deles optou pelo crime? Semana passada, um desses garotos declarou que rouba por prazer e não estuda porque não quer.

A desigualdade social existe e, no Brasil, chega a um nível vergonhoso. E há desigualdade, maior ou menor, em todos os países, até naqueles de alto desenvolvimento econômico, como os Estados Unidos. Deve-se observar também que, durante séculos, a humanidade enfrenta esse problema e luta para livrar-se dele. Admito que talvez nunca cheguemos à sociedade justa, mas ela pode ser menos injusta, sem dúvida alguma. Só que isso vai demorar – e muito.

Voltemos, então, à tese daquele pessoal do tal programa. Se é verdade que os pivetes assaltam porque nasceram numa sociedade desigual, significa que, enquanto a desigualdade se mantiver, haverá assaltantes, os quais não devem ser punidos, pois são vítimas da sociedade desigual. Puni-los seria cometer uma dupla injustiça, certo? No fundo, é mais ou menos essa visão do problema que levou à benevolência das leis brasileiras contra os criminosos, tenham a idade que tiver.

Mas como fica a mocinha inglesa que teve sua bolsa levada pelos pivetes com todo o seu dinheiro e todos os seus documentos? Chorando, ela prometeu nunca mais voltar ao Brasil. Como fica o assassinato daquele senhor, morto pelo pivete que queria roubar sua bicicleta?

Se a causa dos crimes é a desigualdade social, e ela vai custar muito a ser superada, vamos ter de viver o resto da vida trancados em casa ou andar apavorados pelas ruas da cidade. Será que está certo?

GULLAR, Ferreira. Folha de S. Paulo, 4 out. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/2015/10/1689620-pobre-e-ladrao.shtml>. Acesso em: 28 out. 2015.

Segundo o texto, pode-se inferir que:

a) O sujeito enunciador do texto conclui que o pobre é ladrão devido às dificuldades financeiras e sociais por que passa, respondendo à pergunta do título.

b) Presente no arrastão, o sujeito enunciador do texto pôde descrever em detalhes o ocorrido, inclusive o assalto à moça inglesa e o assassinato de um homem por um pivete.

c) O maior problema apontado no texto é que os assaltantes que participaram dos arrastões são menores e, depois de presos, logo são soltos, tornando-se criminosos piores.

d.) O texto questiona as ideias apresentadas em um programa de televisão, no qual os participantes debatiam sobre os arrastões ocorridos num final de semana na zona sul do Rio.

e.) O sujeito enunciador do texto concorda que os assaltantes não devem ser punidos por serem pobres e, portanto, vítimas de uma sociedade injusta e desigual.

A respeito da estrutura argumentativa do texto, conclui-se que:

I. São apresentados argumentos de autoridade, como depoimentos de especialistas da área, para dar credibilidade aos fatos.

II. Os principais argumentos empregados no texto são baseados em fatos e na observação da realidade.

III. A tese defendida pelo sujeito enunciador do texto é que de nada adianta a repressão policial, pois o problema é social.

IV. Várias perguntas são lançadas no texto com o propósito de desconstruir a tese de que os jovens assaltam porque são pobres.

a) As afirmativas II e III são verdadeiras.

b) Apenas a afirmativa IV é verdadeira.

c) As afirmativas I e III são falsas.

d) As afirmativas I, II e III são falstas.

e) Apenas a afirmativa I é verdadeira.

a) Qual é a tese defendida pelo sujeito enunciador do texto?

b) Que argumentos ele utiliza para defender essa tese? Cite dois.

c) Explique qual é o objetivo do sujeito enunciador do texto lançar várias perguntas ao leitor.

LITERATURA



JUIZ - (ASSENTANDO-SE): (...) Sr. Escrivão, Leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO - (LENDO) Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. "Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como filhos pertencem às mães e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V.S.a mande o dito meu vinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher".

JUIZ - É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ D/SILVA - É verdade; porém o filho me pertence. Pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ - Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ D/SILVA - Mas, Sr. Juiz...

JUIZ - Nem mais nem meios mais, entregue o filho, senão, cadeia.

JOSÉ D/SILVA - Eu vou queixar-me ao Presidente.

JUIZ - Pois vá, que eu tomarei a apelação.

JOSÉ D/SILVA - E eu embargo.

JUIZ - Embargue ou não embargue, embargue com trezentos mil diabos, que eu não concedei revista no

auto do processo!

JOSÉ D/SILVA - Eu lhe mostrarei, deixe estar.

JUIZ - Sr. Escrivão, não dê anistia a este rebelde, e mande-o agarrar para soldado.

(PENA, Luis Carlos M. *O Juiz de Paz da roça.* Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000103.pdf> Acesso: 24/12/2015.)

O texto de Martins Pena apresenta características do gênero literário:

a) Lírico

b) Narrativo

c) Épico

d) Dramático

e) Jornalístico

De tarde quero descansar,

Chegar até a praia e ver

Se o vento ainda está forte

Vai ser bom subir nas pedras

Sei que faço isso pra esquecer

Eu deixo a onda me acertar

E o vento vai levando tudo embora

Agora está tão longe ver,

A linha do horizonte me distrai

Dos nossos planos é que tenho mais saudade

Quando olhávamos juntos na mesma direção

Aonde está você agora

Além de aqui,

Dentro de mim?

Acesso em 08/01/2015: <http://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/vento-no-litoral.html#ixzz3weXIMROG>

Na música *Vento no Litoral*, de Renato Russo, o eu lírico busca a calma e a tranquilidade da natureza para refletir sobre a vida e sobre a tristeza que sente pela ausência da mulher amada. A letra escrita possui características da escola:

a) Parnasiana

b) Romântica

c) Árcade

d) Barroca

e) Simbolista

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000292.pdf> Acesso em: 29 out. 2019.

Com base no fragmento anterior, sobre a produção literária no período quinhentista no Brasil, pode-se inferir que

1. foi produzida por aqueles que passaram pelo Brasil com o objetivo de informar as “descobertas”.
2. foi bastante efervescente, pois o país, recém descoberto, iniciava a busca pela identidade nacional.
3. a partir dos relatos sobre o novo mundo descoberto, os escritores, já renomados da corte de Portugal, transformaram-nos em grandes obras.
4. A catequese dos jesuítas tomava como base a literatura com o fim de distraí-los. Teatros, danças e leituras eram uma forma de preencher seus tempos livres.
5. Os relatos deste período contradizem a visão de que havia hostilidade entre os colonizadores e os indígenas.

LINGUA ESTRANGEIRA

INGLÊS

**The Bad Parrot**

A man got a parrot which could already talk. It had belonged to a sailor and had a big vocabulary. However, the man soon discovered that the parrot mostly knew bad words. At first he thought it was funny, but then it became tiresome, and finally, when the man had important guests, the bird's bad words embarrassed him very much. As soon as the guests left, the man angrily shouted at the parrot: "That language must stop!" But the bird answered him with curses. He shook the bird and shouted again: "Don't use those ugly words!" Again the bird cursed him. Now the man was really angry. He grabbed the parrot and threw him into the refrigerator. But it had no effect. From inside the refrigerator, the parrot was still swearing. He opened the door and took him out, and again the bird spoke in dirty words and curses. This time, the man opened the door of the freezer, threw the bird into it, and closed the door. At last there was silence. After two minutes, the man opened the door and removed the very cold parrot. Slowly the shivering bird walked up the man's arm, sat on his shoulder and spoke into his ear, sounding very frightened: "I'll be good, I promise. Those chickens in there… what did they say?"

(Available at:< http://www.google.com.br>. Accessed:Nov. 15, 2017. Adapted)

1. Com a leitura do texto podemos afirmar que:

O papagaio não sabia falar, por isso seu dono ficou envergonhado.

O papagaio conseguiu falar com as “galinhas” que estavam no congelador.

Seu dono ficou bravo porque ele só sabia falar palavras feias e amaldiçoar as pessoas.

O papagaio não tinha medo de seu dono, até ser colocado no freezer.

O papagaio gostou de ficar na geladeira, por isso continuou falando.

Na sentença: “As soon as the guests left, the man angrily shouted at the parrot: “That language must stop”. A palavra MUST, na sentença, apresenta sentido de:

1. Possibilidade.

Permissão.

Obrigação.

Sugestão.

Conselho.

Dentre as perguntas a seguir, apenas uma não pode ser respondida por meio da leitura do texto. Qual é essa questão?

1. What did happen to the parrot?

Where did the man put the parrot ?

Who was the parrot´s former owner?

What did the parrot say to the chicken?

Did the man appreciate the parrot´s vocabulary?

ESPANHOL

En el día del amor, ¡no a la violencia contra la mujer!

Hoy es el día de la amistad y del amor. Pero, parece que este día es puro floro, porque en nuestro país aún existen muchos casos de maltrato entre las parejas, sobre todo hacia las mujeres. Por eso, el Ministerio de la Mujer y Poblaciones Vulnerables (MIMP) lanza la segunda etapa de la campaña “Si te quieren, que te quieran bien”.

Esta campaña busca detener de una vez el maltrato contra la mujer y para eso, concientizar sobre la importancia de denunciar estos casos. Y es que las cifras son preocupantes. Cada hora se denuncian 17 casos de violencia contra la mujer y en total los Centros de Emergencia de la Mujer (CEM) y el MIMP atendieron en un año a más de 36 mil denuncias de las cuales 7 mil eran de niñas y adolescentes menores de 17 años. Un abuso.

Si eres testigo o víctima de algún tipo de violencia ya sea física, psicológica o sexual debes llamar gratuitamente a la línea 100 desde un teléfono fijo o celular.

Disponível em: http://napa.com.pe. Acesso em: 14 fev. 2012 (adaptado).

Pela expressão puro floro, infere-se que o autor considera a comemoração pelo dia do amor e da amizade, no Peru, como uma oportunidade para

a) proteger as populações mais vulneráveis.

b) evidenciar as eficazes ações do governo.

c) camuflar a violência de gênero existente no país.

d) atenuar os maus-tratos cometidos por alguns homens.

e) enaltecer o sucesso das campanhas de conscientização feminina.

**‘Desmachupizar’ el turismo**

Es ya un lugar común escuchar aquello de que hay que desmachupizar el turismo en Perú y buscar visitantes en las demás atracciones (y son muchas) que tiene el país, naturales y arqueológicas, pero la ciudadela inca tiene un imán innegable. La Cámara Nacional de Turismo considera que Machu Picchu significa el 70% de los ingresos por turismo en Perú, ya que cada turista que tiene como primer destino la ciudadela inca visita entre tres y cinco lugares más (la ciudad de Cuzco, la de Arequipa, las líneas de Nazca, el Lago Titicaca y la selva) y deja en el país un promedio de 2 200 dólares (unos 1 538 euros). Carlos Canales, presidente de Canatur, señaló que la ciudadela tiene capacidad para recibir más visitantes que en la actualidad (un máximo de 3 000) con un sistema planificado de horarios y rutas, pero no quiso avanzar una cifra. Sin embargo, la Unesco ha advertido en varias ocasiones que el monumento se encuentra cercano al punto de saturación y el Gobierno no debe emprender ninguna política de captación de nuevos visitantes, algo con lo que coincide el viceministro Roca Rey.

Disponível em: http://www.elpais.com Acesso em: 21 jun. 2011.

A reportagem do jornal espanhol mostra a preocupação diante de um problema no Peru, que pode ser resumido pelo vocábulo “desmachupizar”, referindo-se

a) à escassez de turistas no país.

b) ao difícil acesso ao lago Titicaca.

c) à destruição da arqueologia no país.

d) ao excesso de turistas na terra dos incas.

e) à falta de atrativos turísticos em Arequipa.



De acordo com as informações sobre a gastronomia e turismo no Perú expostos na vídeo aula.Escreva sobre as imagens presentes acima:

MACHU PICHU

CEBICHE